

## BRASIL

# “Casamento” move disputa por caças

Mais do que escolher aviões para a Força Aérea, opção do governo vai nortear alianças estratégicas do país para as próximas décadas

Marcelo Cabral  
mcabral@brasileconomico.com.br

Quando se compra uma geladeira, basicamente se leva em conta o preço e a qualidade do eletrodoméstico. No entanto, as coisas mudam de figura quando o produto a ser adquirido é um jato de combate no valor de algumas dezenas de milhões de dólares. Nesse caso, o lado político que envolve a operação – uma aliança estratégica entre os países vendedores e compradores – tende a prevalecer. Esse fator também deverá falar mais alto na compra de caças para a Força Aérea Brasileira (FAB). Segundo analistas ouvidos pelo **BRASIL ECONÔMICO**, mais do que escolher entre um avião mais barato ou mais capaz, a opção do governo brasileiro determinará com qual país se dará o alinhamento político brasileiro nas próximas décadas.

“Quando se faz uma compra de armamento, um país diz ao outro: ‘estamos nos alinhando a você’. Por isso, é necessário o máximo de prudência nessa escolha, até para evitar retaliações dos países que forem preteridos”, analisa Fernando Arbache, presidente da Arbache Consultoria e professor do Alto Comando da Marinha. “Escolher qual avião será o vencedor da concorrência é entrar num casamento de 30 anos sem direito a divórcio”, sintetiza Expedito Carlos Stephani Bastos, pesquisador de assuntos militares da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Para o professor da National Defence University, nos EUA, Salvador Raza, é normal que a política seja o componente decisivo da disputa. Mas ele alerta que “é preciso que os critérios que norteiam essa escolha fiquem claros, e isso não vem acontecendo”.

Dentro dessa realidade política, o governo tem dado sinais que uma aliança com a França – já ensaiada com a compra de submarinos e helicópteros – deverá ter mais peso que o componente técnico. Um relatório interno divulgado duas semanas atrás apontou que o caça sueco Gripen NG, fabricado pela Saab, tem a preferência da FAB. Por outro

“

A opinião da FAB deveria ser mais levada em conta. Esse governo vai acabar, mas os aviões estarão em operação por 30 anos, ou seja, o equivalente a sete governos e meio. O governo passa, mas a Força Aérea fica

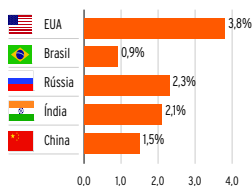
O fator político é importante, mas ele não é o único que deveria pesar. A escolha do caça teria de levar em consideração o custo/benefício do aparelho e responder a três perguntas sobre a defesa do país: por que, para que e de que forma

Expedito Carlos Bastos,  
pesquisador da UFJF

## NA LANTERNA

Brasil é o país que menos gasta em defesa no grupo dos Brics

PORCENTAGEM DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) INVESTIDO NO SEGMENTO MILITAR



Fonte: Arbache Consultoria

lado, o presidente Lula já expressou predileção pelo modelo francês, o Rafale C, da Dassault. Uma fonte ligada às negociações afirmou ao **BRASIL ECONÔMICO** que o chanceler Celso Amorim e o ministro da Defesa Nelson Jobim pressionam pela opção francesa. “O (Celso) Amorim é o maior defensor do Rafale. Só falta tatuar na testa a figura do Sarkozy”, disse a fonte, se referindo ao presidente francês, Nicolas Sarkozy. Nesse meio de campo, o terceiro avião da disputa, o americano F/A-18 Super Hornet, fabricado pela Boeing, teria ficado de lado. No entanto, segundo a fonte, “os americanos já ficaram felizes se o escolhido não for o Rafale”. Isso porque o Gripen possui um motor americano, o que ajudaria o faturamento do segmento nos EUA.

O próprio Brasil já sentiu na pele a importância estratégica que envolve os negócios militares. Nos anos 1980, o país desenvolveu o tanque EE-T1 Osório, considerado na época o melhor do mundo. O modelo era mais avançado e tinha um preço mais em conta que os rivais. Mas um produto que poderia ter sido um retumbante sucesso se revelou um tremendo fracasso: o modelo foi preterido por concorrentes americanos até a falência de sua fabricante, a Engesa. O motivo: o Brasil não conseguiu agregar peso político suficiente para conter a pressão feita pela Casa Branca sobre os países compradores. ■

## OS DILEMAS DE CADA UM

● O Rafale tem a seu favor a vontade do governo brasileiro em fazer uma parceria com a França. Por outro lado, o custo do aparelho é considerado elevado.

● O sueco Gripen aposta no preço mais barato e no desenvolvimento conjunto dos sistemas eletrônicos. Mas o fato de a aeronave ainda ser um protótipo atrapalha.

● O Super Hornet corre por fora. É um avião avançado e já testado em combate. No entanto, existe receio sobre a disposição dos EUA de transferir tecnologia.



Dassault Rafale



Saab Gripen



Boeing F/A-18 Super Hornet

## Brasil já optou

No início dos anos 1970, país adquiriu tanto caças franceses quanto aviões americanos

No início dos anos 1970, a Força Aérea Brasileira passou por um processo similar ao atual: era preciso trocar seus antigos aviões de caça, o que implicava optar por um alinhamento entre EUA e França. Frente a uma encruzilhada, o governo da época resolveu seguir a “coluna do meio”: comprou aeronaves de ambos os países. A princípio

vieram os Mirage III, da França, seguidos pouco depois pelos F-5 Tiger americanos. A operação foi um exemplo do peso do fator político na aquisição de material militar. O que orientou a compra foi o fato de que o Brasil procurava diminuir a influência vinda dos EUA, com quem enfrentava uma série de turbulências políticas. Porém, de outro lado, o país não quis “colocar todos os seus ovos em uma única cesta francesa”, conforme explica Carlos Bastos, da UFJF.



Divulgação

## Usina nuclear ao lado do São Francisco

A Eletronuclear deve encaminhar até o final de fevereiro cinco propostas de locais para serem construídas duas usinas nucleares no Nordeste. Entre as propostas, há pelo menos uma área próxima ao Rio São Francisco, praticamente certa de ser encaminhada. "A região que beira o São Francisco está sobre uma base calcária, muito semelhante à que encontramos no Brasil e difícil de ser encontrada no país", comentou o assistente da presidência da Eletronuclear, Leonam Guimarães.

## PRESIDENTE DE HONRA

O presidente do Congresso, senador José Sarney (PMDB-AP), disse ontem, que nunca teve participação na fundação que tem seu nome, em São Luís, sobre a qual pesam acusações de irregularidades. Sarney ressaltou que é apenas presidente de honra.



Evaristo Sá/AFP

O presidente Lula a bordo de um jato francês da FAB: fator estratégico tem peso decisivo em compra militar

# pela coluna do meio

Comprar aviões de dois países dobra as despesas de logística e manutenção das aeronaves

A situação do país atualmente, no entanto, torna difícil uma nova opção por mais de um fornecedor. "Hoje não se usa mais esse modelo. A maior parte dos países prefere manter um único avião para cada função", diz Salvador Raza, da National Defense University. O motivo para essa preferência é financeiro: dois aviões significam mais peças de reposição e mais treinamento para pilotos e mecânicos. Em resumo, usar dois aviões dobra os custos de manutenção

e logística, que já não são baratos para um único aparelho. Além disso, comprar mais de um aparelho é visto como algo feito por países que não possuem capacidade de decisão, segundo Arbache. "Optar pela 'coluna do meio' geraria uma incredibilidade enorme. Nos anos 1970, éramos uma país de Terceiro Mundo, mas hoje estamos em outro patamar. Precisamos passar uma postura forte, como fazem todos os países que são poderosos", afirma. ■ M.C.



Sergio Dutti/AE

Caça Mirage III sobrevoa o Brasil: aparelho foi comprado durante turbulência política do país com EUA